

HOMOFOBIA INTERNALIZADA: A EXPRESSÃO DO PRECONCEITO ENTRE SUJEITOS NÃO HETEROSSEXUAIS

INTERNALIZED HOMOPHOBIA: PREJUDICE AMONG NON-HETEROSEXUAL PERSONS

Rafael de Tilio¹

Matheus Diogo Barbosa²

Resumo: A homofobia é cada vez mais presente na sociedade ao ponto de sujeitos não heterossexuais reproduzirem homofobias contra outros sujeitos não heterossexuais. O objetivo desse artigo é compreender como se expressa e o que motiva a homofobia entre não heterossexuais. Foram entrevistados oito sujeitos não heterossexuais cujos relatos foram agrupados em eixos temáticos. Os principais resultados destacaram as origens, os motivos, as consequências da homofobia e as impressões dos participantes sobre os movimentos LGBTQIA+. A homofobia internalizada é tanto resultante das pressões heteronormativas quanto da tentativa de proteção diante dos riscos e das vulnerabilidades psicossociais.

Palavras-chave: Homofobia Internalizada; LGBTQIA+; Violência.

Abstract: Homophobia is increasingly growing in society to the point that non-heterosexual persons reproduce homophobia against other non-heterosexual ones. The objective of this article is to understand how homophobia is expressed and what motivates it among non-heterosexuals. Eight non-heterosexual participants were interviewed whose reports were grouped into thematic axes. The main results highlighted the origins, motives and homophobia consequences and participants' impressions about LGBTQIA+ social movements. Internalized homophobia is both a result of heteronormative pressures and an attempt to protect oneself from psychosocial risks and vulnerabilities.

Keywords: Internalized Homophobia; LGBTQIA+; Violence.



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS - ATRIBUIÇÃO-NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.

1 Doutor em Ciências, área de Psicologia - Universidade de São Paulo; Professor Associado - Universidade Federal do Triângulo Mineiro; rafael.tilio@uftm.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-4240-9707>.

2 Graduado em Psicologia - Universidade Federal do Triângulo Mineiro; Psicólogo - clínica particular; diogomatheus.b@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-5897-0665>.

Introdução

Cada vez mais as violências estão presentes na sociedade brasileira como maneira de reafirmar o poder e a hierarquia entre grupos sociais. Dentre as violências, a homofobia³ é recorrente devido aos valores machistas típicos do patriarcado brasileiro, sendo uma das principais expressões de ódio, desprezo e aversão contra a comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais) (Antunes, 2017).

O Brasil possui um dos maiores índices de violências motivadas por homofobia do mundo (Oliveira; Mott, 2022). Apesar de, em 2022, ter havido diminuição das mortes decorrentes desse problema, quando comparado a anos anteriores, é necessário destacar que há subnotificação desse tipo de caso, situação agravada durante a pandemia de covid-19, que limitou o acesso das vítimas às autoridades e aos dispositivos de segurança e de assistência social públicos (Araújo; Nogueira, 2022).

Visando enfrentar as violências às quais estavam submetidos, os movimentos sociais buscaram promover a proteção e o combate à discriminação contra as minorias sexuais. No final da década de 1970, no Brasil, ainda sob a ditadura militar, começou a circular o *Jornal Lampião da Esquina*, primeira mídia homossexual que dava visibilidade à parcela negligenciada pela sociedade brasileira em busca de respeito, direito e equidade social (Ferreira, 2010). No mesmo período, foi fundado o primeiro grupo formado exclusivamente por homens homossexuais – Grupo SOMOS – com ideais políticos de afirmação à homossexualidade (Facchini, 2003).

Todavia, segundo Facchini (2003), as demandas e as necessidades das distintas parcelas da população LGBTQIA+ não eram defendidas de maneira similar por todos os seus integrantes, pois travestis, transexuais, lésbicas e bissexuais não se sentiam representados, visto que a maioria das lutas eram organizadas e estavam direcionadas aos homens homossexuais, o que resultou em cisões entre as diversas parcelas dos movimentos das minorias sexuais (Menezes, 2018; Roudinesco, 2022). Além disso, as repressões contra os movimentos das minorias sexuais foram agravadas em meados dos anos de 1980 devido à epidemia da AIDS, a qual aumentou a desconfiança contra os homossexuais e seus “comportamentos de risco” (Canabarro, 2013; Facchini, 2003).

³ Termo que se refere às práticas de ódio cometidas contra a população LGBTQIA+ como forma de discriminação. Atualmente o Supremo Tribunal Federal utiliza as nomenclaturas homotransfobia e transhomofobia para designar as violências cometidas também contra travestis e transexuais.

Esses constrangimentos levaram à necessidade de reformulação das estratégias, das parcerias institucionais e das pautas das diversificadas militâncias. Uma das principais alterações foi que os diversos movimentos passaram a ser reconhecidos a partir do mesmo acrônimo (LGBT, depois LGBTQIA+) (Menezes, 2018). Alguns dos principais resultados dessas rearticulações foram a despatologização da homossexualidade em plena pandemia de AIDS e, mais recentemente, as regulamentações legais quanto ao uso do nome social (Mello; Braz; Freitas; Avelar, 2012).

Todavia, mesmo com essa rearticulação, vários desafios permanecem. A recente visibilidade das demandas e dos direitos dos LGBTQIA+ passaram a ser alvo de reprovação e rechaço de parcelas sociais conservadoras e tradicionalistas do ponto da moral sexual, o que fez aumentar as violências contra as pessoas de identidade de gênero e orientação sexual não cisheteronormativas. Esses tradicionalismos pressupõem que as identidades e as orientações sexuais e as de gêneros resultam da biologia dos sexos, numa perspectiva heterossexual, e as violências contra não heterossexuais aumentam à medida que a citacionalidade do sistema sexo-gênero-heterossexualidade não é seguida (Jesus, 2012; Silva; De Tilio, 2018).

Grosso modo, o repúdio à diversidade sexual, de gênero e de orientação sexual se manifesta de maneiras explícitas e implícitas, ambas decorrentes do poder simbólico que organiza as relações de poder nas sociedades (Gomes; Reis; Kurashige, 2013; Neto; Saraiva; Bicalho, 2013). As relações de poder organizam as distinções entre os grupos sociais, sendo que alguns são valorizados por representarem o que é considerado normal ou tradicional, e outros são excluídos por não seguirem as referências estipuladas pelos grupos/valores tradicionais. Instituições como escolas, igrejas e famílias são as principais fontes de manutenção do poder simbólico e, conseqüentemente, da produção das violências (Carrieri; Aguir; Diniz, 2013).

Devido às interpelações da socialização e da imposição da heterossexualidade como aspecto controlador das relações sociais e das subjetividades individuais, não é raro encontrar sujeitos não heterossexuais que, contudo, reiteram valores e crenças homofóbicas como estratégias de minimizar suas próprias marginalizações (Antunes, 2017). Isso pode decorrer autorrejeição ou dificuldades por parte de alguns sujeitos não heterossexuais de aceitarem sua orientação sexual, além de produzirem homofobia contra si e contra outros indivíduos não heterossexuais.

Segundo Pereira e Leal (2002) e Souza e Pereira (2013) a rejeição contra a própria orientação sexual se caracteriza como uma homofobia internalizada cuja origem é a cultura heterossexista ou heteronormativa.

Assim, os processos de estigmatização se tornam ainda mais complexos (Antunes, 2017). Dessa maneira, a homofobia internalizada não diz respeito apenas às populações LGBTQIA+, mas ela revela modos de funcionamento da sociedade como um todo. Considerando o exposto, este artigo tem como objetivo compreender como se expressa e o que motiva a homofobia entre sujeitos não heterossexuais.

1 Aspectos metodológicos

Tipo de estudo: Estudo qualitativo, exploratório e transversal.

Participantes: Participaram oito sujeitos não heterossexuais, independente do sexo biológico e identidade de gênero, maiores de 18 anos de idade e que já vivenciaram ou presenciaram algum tipo de homofobia cometida por um outro sujeito não heterossexual. O número de participantes foi definido a partir o critério de saturação de dados qualitativos (Rego; Cunha; Meyer Jr, 2018). A tabela 1 apresenta as principais características dos participantes.

Instrumentos: Foi utilizado um roteiro semiestruturado de perguntas elaborado pelos pesquisadores. O roteiro continha questões relativas à caracterização dos participantes (nome, idade, gênero, orientação sexual, escolaridade, raça/etnia, orientação religiosa e nível socioeconômico) e questões sobre suas experiências relacionadas à homofobia promovida por outros sujeitos não heterossexuais.

Procedimento de coletas de dados: O recrutamento de participantes ocorreu por meio do método bola de neve ou cadeia referenciada (Vinuto, 2014). Os participantes foram encontrados por meio da divulgação da pesquisa em redes sociais (Instagram e Facebook) e também por intermédio dos contatos pessoais dos pesquisadores. Para a seleção dos participantes, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão (maiores de 18 anos de idade, não ser heterossexual e ter vivenciado ou presenciado homofobia praticada por outro sujeito não heterossexual).

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Nome Fictício	Idade	Gênero	Orientação Sexual	Escolaridade	Raça/Etnia	Orientação Religiosa	Nível socioeconômico
André	29	Masculino	Homossexual	Superior completo	Branco	Ateu	Média
Luís	24	Masculino	Homossexual	Superior Completo	Preto	Espírita	Média
Maria	28	Feminino	Homossexual	Superior Incompleto	Branca	Católica não praticante	Média
Stowp	21	Masculino	Pansexual	Superior Incompleto	NS	Agnóstico	Média Baixa
Gaeld	23	Masculino	Homossexual	Superior Incompleto	Branco	Ateu	Média
Camilo	21	Masculino	Homossexual	Superior Incompleto	Branco	Agnóstico	Média
Sofia	25	Feminino	Bissexual	Superior Completo	Branca	Agnóstica	Média
Flavia	23	Feminino	Homossexual	Superior Incompleto	Branca	Agnóstica	Médio baixa

Devido às recomendações de distanciamento social da pandemia de covid-19, as entrevistas foram realizadas e gravadas pelo *Google Meet*. Os dados foram mantidos em *backup*, sem identificação, para a segurança dos participantes. O assentimento para a gravação da entrevista ocorreu a partir dos registros audiovisuais da entrevista que foram realizadas durante os meses de agosto e novembro de 2020.

Procedimento de análise de dados: Os dados foram transcritos na íntegra e organizados a partir de uma análise temática (Braun; Clarke, 2006). O escopo argumentativo empregado para a análise dos dados utilizou autores e temas relacionados à homofobia internalizada que, segundo Neto, Saraiva e Bicalho (2013) e Souza e Pereira (2013), pretende conservar padrões de dominação da hegemonia heteronormativa.

Disposições éticas: Essa pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética de pesquisa da instituição de origem dos pesquisadores (CAAE 32024220.1.0000.5154 Plataforma Brasil).

2 Resultados e discussão

Os dados das entrevistas foram organizados em quatro eixos temáticos: motivos de ocorrência da homofobia, que discute as motivações e as homofobias sofridas; origens da homofobia, que discorre sobre a promoção, a difusão e a internalização da homofobia por parte de não heterossexuais; consequências da homofobia, que versa sobre quais foram as consequências da homofobia; e perspectivas sobre o movimento LGBTQIA+, que descreve como os participantes significam esse movimento, suas conquistas e seus limites.

Eixo temático 1 – Motivos de ocorrência da homofobia

Este eixo versa sobre quais foram as motivações relatadas para justificar a homofobia entre não heterossexuais. A partir de situações vivenciadas pelos participantes, buscou-se analisar os sentidos da homofobia internalizada.

As constrações em assumir publicamente a orientação não heterossexual (considerada contrária diante da heterossexualidade normativa) são estratégias de evitar violências, ou seja, a homofobia internalizada e, depois, externalizada, pode ser compreendida como uma autoproteção diante dos conflitos pessoais e sociais (ANTUNES, 2016). O processo de assumir a orientação sexual envolve desafios e, por isso, deve ser realizado caso o sujeito homossexual queira e se sinta preparado a fazer isso. Entretanto, nem

sempre há uma opção pessoal em “sair ou não do armário”, visto que muitos sujeitos não heterossexuais são expostos e pressionados por semelhantes a se assumirem já que não seguem atitudes que pressupõem a adequação entre sexo, gênero e orientação heterossexual (Da Silva; Barbosa, 2016).

Dessa maneira, muitos sujeitos se emocionam ou expressam seus sentimentos logo que são pressionados a se assumirem como não heterossexuais, uma vez que suas atitudes não são condizentes com a virilidade esperada da masculinidade e ou da heterossexualidade. Alguns participantes relataram como o processo de aceitarem (*outness*) e de revelarem publicamente (*coming out*) sua orientação não heterossexual foi um momento que motivou homofobias por outros não heterossexuais, por exemplo:

Desde muito novo já tinha ciência da minha condição sexual. E lembro de ver comentários de um outro homem gay mais velho, tirando sarro, fazendo uma chacota, sobre eu não ter me descoberto ainda, que eu ainda iria passar por essa fase, disse que eu ainda era um “gayzinho” (Camilo).

Senti muito diminuído, porque era uma coisa que eu não tinha aceitado, não tinha trabalhado em mim apesar de já ter percebido (Camilo).

A pressão para tornar pública a orientação não heterossexual torna-se um processo dolorido e de sofrimento quando hostilizado por um “semelhante” – isso é, por outro não heterossexual. Situações como essa podem gerar nas vítimas sentimentos contraditórios para com a sua orientação sexual, o que pode dar início a um novo ciclo homofóbico (De Souza; Duque; De Castro; Mesquita, 2019).

Esse processo de questionamentos da orientação sexual pode gerar um estado confusional em relação à própria identidade, reforçando rótulos negativos a partir do momento em que a orientação sexual é questionada ou denegada em virtude do preconceito (Pereira; Ayrosa, 2007). Nesse sentido, as expressões de gênero e da orientação (homo) sexual não heteronormativas também se tornam alvos de discriminações à medida que a valorização da heterossexualidade é reforçada por alguns não heterossexuais.

Alguns dos relatos dos participantes permitem compreender que a performatividade da sexualidade também é um motivo de preconceito entre não heterossexuais:

○ fato de eu estar usando roupas mais chamativas e maquiagens, comentários do tipo “que não precisava de tudo isso”, “pode ser gay, mas precisava passar maquiagem?”, “precisava estar com essa roupa?” (Camilo).

Há uma pressão social e heteronormativa para que as atitudes de gênero (performatizadas pelo sujeito), sexo (biológico) e a orientação sexual (desejos) estejam alinhadas segundo os pressupostos heteronormativos (Barcellos, 2018). Em alguns casos, a não linearidade provoca preconceitos, discriminações e violências (Haddad; Haddad, 2017). Dessa maneira, os padrões atitudinais são cobrados por uma parte dos não heterossexuais – tal como são cobrados por parte dos heterossexuais – como forma de se distanciar do que é considerado “anormal”. Mesmo estereótipos físicos e de beleza se tornam normas e, quando não seguidos, provocam homofobias, por exemplo:

Juntando, eu sou um homem gay, gordo, afeminado e aí dentro dessa situação, partido para o lado da gordofobia e do porte físico, existe uma fetichização do meu corpo a espera de uma virilidade, e isso não existe (Stowp).

Não apenas a estética pessoal é passível de controle, mas também a subjetividade é ocultada a partir da imposição de um corpo que não deve se distanciar do considerado normal pela heterossexualidade (Mendonça, 2010). Ou seja, homens devem possuir aspectos viris e agressivos, enquanto mulheres devem expressar a sua fragilidade por meio das suas ações cotidianas (Silva; De Tilio, 2018). Os aspectos físicos e corporais tornam-se emblemas que podem reforçar a homofobia, havendo uma cobrança para que se aproximem da masculinidade ou da feminilidade socialmente valorizados como forma de “esconder” a orientação (não hetero) sexual considerada desviante.

Os participantes também relataram que a homofobia internalizada provocou neles uma concepção deturpada a respeito da não heterossexualidade, significando-a em alguns momentos como promíscua e desvalorizada, por exemplo:

Já chegou uma gay até nós falando que a gente era a república do “bate para mim, que eu bato para você” [referência à masturbação mútua] que a gente vivia na promiscuidade, que a gente ia para festa para virar uma putaria (Stowp).

Apesar de atuais, relatos que desqualificam a não heterossexualidade são reforçados desde o início do fortalecimento das religiões judaico-cristãs

e islâmicas, segundo as quais a não heterossexualidade era considerada pecaminosa, desviante e sujeita à punição, visto que era contrária aos ensinamentos divinos segundo os quais as relações sexuais possuem como objetivo a continuidade da espécie humana (ANTUNES, 2016).

Comentários ofensivos também foram relatados pelos participantes em situações nas quais a rivalidade entre homossexuais se deu devido a disputas afetivas e sexuais, por exemplo:

Lembro de que em uma discussão de um menino que estava ficando com outro menino que também era gay, esse outro menino fez alguns comentários... do tipo: “ah ele nem é viado direito... agora que ele está começando a ficar com meninos”. Um comentário colocando que talvez eu não fosse tão gay suficiente ou algo desse sentido (Camilo)

Há uma deslegitimação da orientação sexual e da identidade do outro como forma de ofensa. A rivalidade faz com que não heterossexuais expressem aspectos negativos e danosos da homofobia uma vez que a disputa leva a uma repetição da hostilização da não heterossexualidade como forma de inferiorizar o próximo, colocando-o como não merecedor de conquistar aquilo que se deseja (NASCIMENTO, 2010).

Em suma, nessa primeira categoria foram problematizadas diferentes motivações acerca das vivências e das vitimizações homofóbicas produzida por outros não heterossexuais.

Eixo temático 2 – Origens da homofobia

Esta categoria versa sobre as origens da homofobia e como as instituições reforçam essa violência. A partir dos relatos dos participantes, buscou-se identificar como as imposições sociais construíram e sustentaram discursos homofóbicos, fazendo com que eles fossem propagados entre os próprios não heterossexuais.

As famílias de origem foram apontadas como umas das principais replicadoras da homofobia por serem espaços de cristalização dos valores heteronormativos. Com isso, os participantes relataram que desde a infância houve internalização de valores heteronormativos que repudiavam a homossexualidade, por exemplo:

Quando você não é [hétero] você automaticamente é homossexual, você constrói essas práticas homofóbicas, a sua família constrói isso para você. Você nasce construído. Você nasce em um lugar que você já tem que ser hétero e tem que casar e tem que ter um filho (Maria).

O processo de construção da homofobia no meio familiar acontece como uma resposta contra o que pode transgredir a norma heterossexual e comprometer a moral heteronormativa que a família deve sustentar. Sujeitos não heterossexuais, como forma de se protegerem das várias violências, podem criar uma “identidade” que vai ao encontro dos esquemas de dominação da orientação heterossexual.

Essa maneira de expressar a orientação sexual que deve ser sempre reafirmada para a sociedade faz com que alguns sujeitos não heterossexuais reproduzam comportamentos homofóbicos para com outros não heterossexuais (Coelho; Barros, 2021). Um ciclo de violência pode se iniciar posto que as potenciais vítimas também se tornam possíveis replicadoras da homofobia e o ambiente familiar, que poderia oferecer segurança e aceitação diante da diversidade, mostra-se como mais um dispositivo de discriminações e preconceitos (Perucchi; Brandão; Vieira, 2014).

Porém, a inferiorização da não heterossexualidade também se mostra como um reflexo das imposições sociais que não se concentram apenas no meio familiar. Os participantes relataram que, junto ao discurso sobre as famílias, há elementos religiosos presentes na homofobia, como, por exemplo:

Eu acho que se fosse falar um, talvez [seja] o religioso, levando em consideração toda a marca histórica e determinação histórica que ela tem, que a religião tem na subjugação da população LGBT (Gael).

Os dogmas e crenças religiosos ainda são dispositivos de cerceamento da sexualidade que visam moldar a sociedade a partir de valores patriarcais (Ribeiro; Scorsolini-Comin, 2017). Instituições religiosas de tradição judaico-cristãs construíram narrativas homofóbicas como forma de combate às expressões desviantes da heteronormatividade, perseguindo e condenando como pecaminosos aqueles que não seguissem essa lógica (Coelho; Barros, 2021).

Discriminações e preconceitos não são construções atuais, mas possuem longa história e se perpetuam nos discursos de várias gerações. Assim, uma vez cristalizada, a homofobia tende a se estruturar a partir de outros marcadores sociais, como, por exemplo:

Eu acho que é tudo da construção social mesmo, porque a gente é criado para ser hétero, cis e branco, se você não nasceu assim, “rodou”. A gente é bombardeado todo dia com isso, de todos os lados, por todos os lugares (Sofia).

A homofobia se forma e se replica como reflexo e instrumento dos valores patriarcais e heterossexuais e, com isso, construções sociais se mostram aversivas não apenas em relação à orientação sexual, mas também quanto ao gênero, à classe social, à raça e à etnia dos sujeitos. Atitudes (comportamentos, pensamentos e afetos), vestimentas e estereótipos não ajustados aos padrões hegemônicos e ao binarismo são caracterizados como desviantes (Moscheta; Fébole; Anzolin, 2016).

A homofobia surge em discursos considerados desviantes dessas normas e que encontram na prática homofóbica uma maneira de exporem suas próprias fragilidades por meio de ataques a outras pessoas de orientação não heterossexual, como observado no seguinte relato:

Então, um homossexual faz isso, porque talvez ele reproduza uma coisa que já fizeram com ele. Ele se cerca de argumentos, de verdades, coisas que talvez ele tenha passado de um jeito que foi muito ruim para ele e ele reproduz isso, ele joga para frente. (Flávia).

A homofobia internalizada e expressa por sujeitos não heterossexuais é uma maneira de eles tanto não entrarem em contato com questões da própria sexualidade quanto se blindarem de discriminações e violências. Dessa forma, indagações pessoais e questionamentos – e, por vezes, recusas – à própria orientação sexual são apenas algumas das consequências das discriminações (Antunes, 2016).

Transgredir os padrões hegemônicos, por vezes, mobiliza inseguranças e medos de exclusão social, visto a enorme estigmatização sofrida. Assim, a homofobia foi relatada pelos participantes como uma maneira de se sentirem pertencentes a um grupo, ainda que sejam reproduzidos discursos e atitudes violentas, por exemplo:

Então, eu acho que a primeira coisa é o mecanismo de defesa que te faz bombardear o outro com esse preconceito. E eu acho também que [é] para você ter aceitação. Então, dependendo do local onde você está, você vai tender a ter alguns comportamentos assim para ser aceito (Sofia).

Da homofobia internalizada decorrem atitudes agressivas como forma do próprio sujeito se sentir aceito socialmente a partir da identificação

heteronormativa. Entretanto, sujeitos que se encontram nessa situação também se mostram mais vulneráveis e estimulam a continuação da homofobia contra a comunidade LGBTQIA+. Além disso, a homofobia como forma de proteção diante das violências origina novo ciclo de homofobia, uma vez que transforma as vítimas em possíveis agressores (De Souza; Duque; De Castro; Mesquita, 2019).

O segundo eixo mostrou como a homofobia se origina a partir de instituições (família nuclear heterossexual e religiões de tradição judaico-cristã) caracterizadas por normas heteronormativas que interferem na vida privada e social dos sujeitos, fazendo com que eles as internalizem e repliquem homofobias com o intuito de se protegerem das ações punitivas que as próprias normas incitam.

Eixo temático 3 – Consequências da homofobia nas vítimas

Este eixo versa sobre as diferentes consequências nas vítimas não heterossexuais da homofobia causada por sujeitos não heterossexuais. A partir das entrevistas, buscou-se compreender quais mudanças os participantes notaram por terem sofrido algum tipo de homofobia.

As mudanças atitudinais foram as principais alterações relatadas pelos participantes após terem vivenciado ou presenciado a homofobia produzida por sujeitos que também são não heterossexuais. Essas mudanças surgem como uma maneira de as vítimas minimizarem o sofrimento, adotando estratégias adequadas à lógica heteronormativa. Ao ocultar comportamentos que refletem a dissidência da heterossexualidade, as vítimas buscam a aprovação de outros sujeitos não heterossexuais, mas que possuem normas que se aproximam da cisheteronormatividade, por exemplo:

Cada vez eu tentava me forçar mais a não ser afeminado. Então, eu tentava entrar em uma capa e experienciar e viver o mundo que não era eu. Ser mais rígido com postura, voz, gosto (Luís).

Historicamente, características corporais foram controladas por discursos que tendem a demarcar formas de se relacionar que devem ou não ser aceitas e, por vezes, são excluídas (Mendonça, 2010). Ao alterar a sua forma de se expressar, o sujeito acaba também ocultando sua orientação sexual e reforça estigmatizações.

Nesse sentido, é intensificado um sentimento de homofobia internalizada, uma vez que o sujeito, após ter sofrido a violência homofóbica, passa a ter

repulsa da sua orientação sexual. Entretanto, esse cenário pode se ampliar, pois as tentativas de proteção aos ataques sofridos podem estimular as vítimas a reproduzirem preconceitos, como, por exemplo:

Eu recebia uma agressão e teve momentos que eu cheguei a responder com uma agressão também, porque era assim que funcionava. Era como se fosse uma sobrevivência na selva, então, se você está sendo caçado, você vai caçar também e vai se armar (Camilo).

As constantes manifestações das agressões fazem com que novo ciclo de preconceito seja construído, uma vez que as vítimas podem replicar a homofobia. Além de utilizarem a violência física para se defenderem, as vítimas da homofobia usam o sarcasmo, os confrontamentos e outras formas de preconceitos para evitarem novas marginalizações (Antunes, 2016). A homofobia internalizada passa, então, a ser a principal conduta de relacionamento social, uma vez que sua externalização caracteriza a proteção contra as agressões.

O receio do convívio social também foi relatado pelos participantes como consequência da homofobia, uma vez que os sujeitos se sentem em estado de constante preocupação até mesmo com pessoas não heterossexuais. Por vezes, o medo de serem expostos às situações em que a sua orientação sexual se torne alvo de críticas faz com que eles se distanciem de pessoas próximas, por exemplo:

Eu não gostava desse convívio dos amigos e familiares heterossexuais, porque tinha às vezes essa chacota e tudo mais, e eu tinha esse medo (Luís).

Há uma repressão às vítimas pelo fato de elas não seguirem as normas da heterossexualidade, reforçando um sentimento de culpabilização pela sua própria orientação sexual. A replicação do preconceito faz com que sujeitos não heterossexuais questionem, de forma prejudicial, a sua própria existência, decorrendo sofrimentos diversos (Tagliamento; Silva; Silva; Marques; Hasson; Santos, 2020).

Sujeitos não heterossexuais são significados pelos grupos majoritários de caráter tradicionalista a partir de julgamentos que rotulam suas condutas como promíscuas e imorais. A todo momento eles se encontram sob a vigilância heteronormativa que diminui e descaracteriza qualquer tipo de atitude, mesmo aquelas que não possuem relações diretas com a orientação sexual, por exemplo:

Pessoas me julgavam por eu ter muito contato, que eu saia com todo mundo, então acontecia muito essa crítica, e, nossa, isso era uma coisa que acabava comigo. Então, já escutei xingamentos, difamação de tudo quanto é jeito por conta do julgamento das pessoas, pelo convívio que eu tinha com outras pessoas (André).

Há, assim, uma tendência normatizadora e reguladora sobre as pessoas e suas atitudes que, se não agirem de acordo com a cultura heteronormativa, são julgadas e recriminadas (Nascimento, 2010). Dessa maneira, há um controle não apenas sobre as atitudes, mas também sobre seus corpos e seus relacionamentos. Por serem coagidos a não expressarem livremente suas orientações sexuais, sujeitos não heterossexuais podem acabar internalizando as estigmatizações nocivas às suas vidas (Antunes, 2016).

Os confrontamentos gerados entre as normas e os desejos fazem com que sujeitos não heterossexuais enfrentem sofrimentos. Nesse sentido, a saúde mental também se torna comprometida com as violências promovidas por outros sujeitos não heterossexuais, podendo desencadear consequências físicas, emocionais e psicológicas graves, como relatado pelo participante:

Eu percebia que eu me sentia abalado, mais vezes, com maior frequência, do que quando um hetero me agredia... eu tive um transtorno alimentar por ocorrências dessas falas. Um início de bulimia por conta do menino que me chamou de gordo... quanto à parte psicológica, eu comecei a me restringir a muitas coisas desde sair com pessoas (André).

A homofobia, dessa maneira, provoca consequências que potencializam sofrimentos nas vítimas. No exemplo anterior, a forma como o sujeito se sente exposto e diminuído faz com que seus hábitos alimentares, seu autocuidado, seu lazer e seu convívio social sejam afetados. Com isso, transtornos psicológicos com comportamentos suicidas e depressivos também podem ser consequências da homofobia (Natarelli; Braga; Oliveira; Silva, 2015). Por isso, acompanhamentos psicológicos podem ser necessários para que os sujeitos não heterossexuais possam ter uma maior compreensão sobre si mesmos.

Dessa maneira, o terceiro eixo mostrou como a homofobia é uma violência complexa, ainda mais quando ela advém de outro sujeito não heterossexual, a qual desencadeia várias consequências para as vítimas cujos traumas atingem diferentes aspectos da vida, corroborando para a manutenção da heteronormatividade.

Eixo temático 4 – Perspectivas sobre o movimento LGBTQIA+

Esta categoria versa sobre quais são as impressões dos participantes a respeito dos movimentos LGBTQIA+ no Brasil atual. O eixo buscou analisar possíveis mudanças ocorridas no cenário LGBTQIA+ com o acirramento da homofobia por e entre sujeitos não heterossexuais e as consequências para os movimentos e os direitos para esses sujeitos .

A internalização da homofobia e a sua replicação foi apontada como um fator que deslegitima a união entre as diversas parcelas dos movimentos LGBTQIA+. Há uma segmentação dos desafios – que são, na realidade, coletivos – e os direitos alcançados, por vezes, beneficiam apenas uma parte dessa população. Com o público G (*gay*) existe uma dificuldade de compreensão sobre as problemáticas enfrentadas, excluindo reivindicações daqueles que não se enquadram no perfil heteronormativo imposto, por exemplo:

Não é um movimento LGBT. É um movimento gay, é um movimento gay branco, é um movimento gay branco elitista. Falar que existe movimento LGBT, não existe (Gaeld).

Historicamente, a exclusão de algumas parcelas dentro dos próprios movimentos LGBTQIA+ é algo que ocorreu desde a sua formação. A presença majoritária de homens homossexuais fez com que tanto o machismo fosse atuante na construção dos coletivos quanto as mulheres não heterossexuais fossem desprestigiadas na composição dos movimentos. Assim, corpos e sujeitos que remetessem explicitamente à feminilidade também eram discriminados e suas experiências deslegitimadas pelos demais integrantes (Fonseca; Ribeiro, 2020).

Pode-se notar que os coletivos LGBTQIA+ são compreendidos como movimentos que, se por um lado tentam unificar demandas, desejos e expectativas, por outro lado segregam e não contemplam a totalidade das reivindicações políticas, jurídicas e sociais de todas as parcelas dos movimentos de minorias sexuais, de gênero e de orientações sexuais (Roudinesco, 2022) – isso porque os questionamentos dos coletivos, em muitos momentos, são deslegitimados por parte significativa da população heterossexual. A homofobia internalizada por parte de alguns sujeitos não heterossexuais contribui para essa desarticulação e reforça o cenário preconceituoso vigente. Mesmo diante do evidente fortalecimento dos movimentos das minorias sexuais ocorridos nas últimas décadas, atualmente é possível notar uma segmentação dentre e dentro deles causada por essa discriminação externa e interna aos coletivos, como exemplifica o relato:

Eu sinto falta de um movimento LGBT estruturado. Tanto a nível regional, quando nacional, a existência de coletivos e de lugares que falem sobre isso enquanto uma organização, enquanto um movimento político organizado (Camilo).

O limitado desenvolvimento de políticas sociais para os movimentos LGBTQIA+ é um reflexo – mas não a causa – dessa desarticulação. A segregação desenvolvida pelos e entre os próprios sujeitos não heterossexuais faz com que a replicação da homofobia se torne mais frequente ou mais acintosa quando aspectos preconceituosos institucionalizados pela sociedade são também incorporados por esses coletivos. Por isso, e por vezes, a homofobia surge como um mecanismo “normalizador”, mas agora estabelecida pelos próprios sujeitos não heterossexuais que passam a vigiar as atitudes e os discursos dentro dos movimentos sociais, delimitando os desejos, os comportamentos e as subjetividades de outras pessoas não heterossexuais (NASCIMENTO, 2010).

Com isso, a recorrente desarticulação dos movimentos LGBTQIA+ se torna uma problemática constante, uma vez que pode haver desrespeito entre os próprios pares (ROUDINESCO, 2022). É construído um sentimento de invalidação entre a parcela G (gay) e as demais, provocando um afastamento dessas populações já vulnerabilizadas. Ademais, os preconceitos reforçados dentro dos movimentos sociais intensificam a institucionalização da homofobia como um pilar que divide as relações, por exemplo:

Acho que dentro do movimento ele causa um distanciamento. Eu acho que quando você luta por uma causa, ou quando você luta pela aceitação, pelo respeito, se você não respeita uma pessoa que está junto com você nesse movimento ele já não é mais valido. Acho que ele causa o distanciamento, é uma falsa luta se a gente for ver melhor (Flávia)

As dificuldades interpostas pela homofobia internalizada provocam uma desmotivação – individual e coletiva – para combater a homofobia e para construir políticas públicas efetivas e eficazes. Dessa forma, é necessário que as violências sofridas por esses sujeitos sejam reconhecidas por quem as vivencia e por quem está no seu entorno, para que, assim, seja possível compreender a identidade dos movimentos e também entender o processo de internalização e (re)produção da homofobia dentro dos movimentos LGBTQIA+ (BORTOLETTO, 2019).

Os movimentos LGBTQIA+ reúnem uma grande diversidade de sujeitos e, assim, é necessário compreender que cada parcela possui as suas demandas, suas reivindicações e seus questionamentos específicos. Entretanto, a partir

do momento em que a homofobia passa a ser internalizada por outros sujeitos além da parcela G (gay), as perspectivas a respeito de todas as parcelas dos movimentos são mais banalizadas, uma vez que os comportamentos heteronormativos tornam-se validados. Nesse sentido, a articulação de ideias, de pensamentos e de estratégias entre os integrantes dos movimentos LGBTQIA+ mostram-se limitados e esses movimentos podem se transformar em espaços restritivos:

Deveria ser ao contrário, deveria ter um lugar de falar um lugar para se expressar em que todo mundo está junto, não é porque eu uso “saia” que você não pode usar. Em um grupo em que todos defenderiam uns aos outros, e não julgar dentro do meu próprio círculo de amizade. Eu acho que é muito mais um julgamento interno que atrapalha o movimento do que outras coisas (Flavia)

As diferenças dentro de um grupo tão amplo e complexo existem e não devem ser anuladas uma vez que é por meio delas que se reconhecem suas particularidades e se torna possível entender suas demandas, seus desejos e suas necessidades. No entanto, isso não pode intensificar o distanciamento entre os próprios integrantes desses movimentos e amedrontar a entrada de outros para os movimentos. O preconceito interno e as difamações externas provocam uma deturpação dos sujeitos a respeito de si mesmos e contribuem para o retrocesso dos direitos sociais (Bortoletto, 2019).

Resistir aos preconceitos e discriminações dentro e fora dos movimentos de minorias de sexo, de gênero ou de orientações sexuais fez com que os movimentos LGBTQIA+ conquistassem representatividades que geraram reflexões entre os sujeitos não heterossexuais. A homofobia dentro dos movimentos ainda não cessou, no entanto, os avanços legais e sociais conquistados proporcionaram o início da possibilidade da obtenção do respeito e também da autoaceitação. Mesmo com as desinformações e com as normas heteronormativas, espaços como as mídias, o Poder Judiciário e os ambientes religiosos passaram a ser ocupados por sujeitos não heterossexuais que promoveram debates sobre as diferentes orientações sexuais, por exemplo:

Olha, eu acho que agora estão correndo mudanças no sentido de discussão pra gente aprender que isso não é certo ou perceber que o que eu fiz foi homofobia e não foi legal (Sofia).

As transformações que estão ocorrendo nos diferentes âmbitos sociais demonstram, aos poucos, as resistências e as representatividades dos movimentos LGBTQIA+. A capacidade de reflexão, ao mesmo tempo

que intensifica as marcas da sociedade homofóbica, também evidencia a capacidade de crítica democrática necessária para conviver. A deslegitimação do desejo sexual e das formas de expressão de gênero e de orientações sexuais, que antes eram ocultadas, hoje cada vez mais conquistam a ordem do dia a dia (Braz; Freitas; Avelas, 2012). Para tanto, é imprescindível que as conquistas sejam celebradas por meio da reflexão de toda a história dos movimentos LGBTQIA+ no Brasil, mesmo que em muitos momentos a liberdade e a vida continuem a ser ameaçadas (Gomes; Zenaide, 2019).

Por fim, o quarto eixo buscou discutir como a homofobia internalizada interfere nos sentimentos de pertencimento dos sujeitos nos movimentos de minorias sexuais, de gênero e de orientações sexuais, pois muitas vezes eles sofrem devido às interferências das homofobias por parte dos próprios sujeitos não heterossexuais. Apesar disso, os avanços democráticos presenciados nos últimos anos têm provocado um fortalecimento dos movimentos LGBTQIA+ na cena pública.

3 Considerações finais

A sexualidade é um fator que gera inquietudes e, muitas vezes, infringe o campo privado quando a forma de expressão dos desejos sexuais não vai ao encontro das regras sociais e da ordem “natural” determinada pela biologia dos sexos – a heteronormatividade. Assim, as violências – dentre as quais a homofobia – tornam-se maneiras de coagir os sujeitos que não seguem essas delimitações. Com isso, muitas vezes, sujeitos não heterossexuais internalizam discriminações contra a sua própria orientação sexual e a de semelhantes, (re)produzindo discursos e práticas homofóbicas contra a própria comunidade LGBTQIA+.

Dentre os principais resultados deste artigo, destaca-se que a homofobia é internalizada a partir de ensinamentos familiares, religiosos e também por construções sociais e midiáticas impostas pela cultura heteronormativa; sua externalização para com outros sujeitos não heterossexuais ocorre devido às disputas afetivas/sexuais, ou em decorrência dos padrões estéticos não heteronormativos, ou também como reação às performatividades e às expressões de gênero desses sujeitos que “demoram” em se assumir ou assumir publicamente sua orientação não heterossexual. Além disso, da homofobia internalizada decorrem abalos emocionais, culpabilizações e mudanças atitudinais visando ao ajustamento aos padrões socialmente exigidos. Por isso, as próprias vítimas da homofobia podem internalizar as violências, reproduzindo-as contra outros sujeitos não heterossexuais, o que ocasiona uma fragilização das demandas dos movimentos LGBTQIA+.

Este estudo possui alguns limites, dentre os quais as dificuldades quanto ao recrutamento de mulheres não heterossexuais, o que causou uma discrepância entre o número de participantes do sexo masculino e feminino. Além disso, a análise não privilegiou as diferenças interseccionais dos marcadores das diferenças sociais.

No entanto, apesar destes limites, foi possível problematizar a homofobia a partir de uma vertente específica e controversa – a produzida entre sujeitos não heterossexuais – evidenciando que discursos e práticas heteronormativas estão presentes de forma reguladora até mesmo entre sujeitos não heterossexuais. Por fim, é imprescindível que novos estudos sejam realizados a fim de questionar e problematizar a homofobia em suas variadas manifestações.

Referências

ANTUNES, P. P. S. **Homofobia internalizada**: o preconceito do homossexual contra si mesmo. Tese de doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2016.

ANTUNES, P. P. S. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós – Gerontologia**, v.20, n.1, p.311-335, 2017.

ARAÚJO, T. A.; NOGUEIRA, S. N. B. **A Espacialização da Transfobia no Brasil**: assassinatos e violações de direitos humanos em 2021. Série Publicações Rede Trans Brasil. Aracaju: Rede Trans Brasil, Uberlândia: IBTE, 2022.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research*. In: **Psychology**, v.3, n.2, p.77-101, 2006.

BARCELLOS, L. V. Biopoder, gênero e sexualidade: breves considerações sob a perspectiva de Michel Foucault. In: **I Congresso Nacional de Biopolítica e Direitos Humanos**, Ijuí/RS, 2018.

BORTOLETTO, G. E. **LGBTQIA+**: identidade e alteridade na comunidade. Trabalho de conclusão de curso. Centro de estudos Latino-americanos sobre cultura e comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CANABARRO, R. História e direitos sexuais no Brasil: O movimento LGBT e a discussão sobre a cidadania. In: **Anais do II Congresso Internacional de História Regional**, p.1-15, 2013

CARRIERI, A. P.; AGUIR, A. R. C.; DINIZ, A. P. R. Reflexões sobre o indivíduo desejante e o sofrimento no trabalho: o assédio moral, a violência simbólica e o movimento homossexual. **Cadernos. EBAPE.BR**, v.11, n.1, p.165-180, 2013.

COELHO, G. G.; BARROS J. H. O. A homofobia familiar disfarçada de cuidado. Perspectivas Em Diálogo: **Revista de Educação e Sociedade**, v.8, n.17, p.449-463, 2021.

DA SILVA, L.; BARBOSA, B. R. S. N. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudo de religião**, v.30, n.3, p.129-154, 2016.

DE SOUZA, D. C.; DUQUE, A. N.; DE CASTRO, I. G.; MESQUITA, D. C. A produção literária sobre homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v.2, n.5, p.192-210, 2019.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. Cad, **AEL**, v.10, n.18, p.84-123, 2003.

FERREIRA, C. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. **Revista Alterjor**, v.1, n.1, p.1-13, 2010.

FONSECA, R. A. G.; RIBEIRO, D. I. Início do movimento político LGBT no Brasil, cultura e visibilidade de identidades sexuais femininas. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.12, p.94739-94749, 2020.

GOMES, J. C.; ZENAIDE, M. N. A trajetória do movimento social pelo reconhecimento da cidadania LGBT. **Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, v.8, n.1, p.1-20, 2019.

GOMES, A. M.; REIS, A. F.; KURASHIGE, K. D. A violência e o preconceito: as formas de agressão contra a população LGBT em Mato Grosso do Sul. **Caderno Espaço Feminino**, v.26, n.2, p.30-43, 2013.

HADDAD, M. I. D.; HADDAD, R. D. Judith Butler: Performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. In: Anais do **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Campina Grande/PB, 2017.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2012. Recuperado em 22 de abril de 2020 a partir de http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989.

MELLO, L.; BRAZ, C.; FREITAS, F. R. A.; AVELAR, R. B. Questões LGBT em debate: sobre desafios e conquistas. **Revista Sociedade e Cultura**, v.15, n.1, p.151-161, 2012.

MENDONÇA, C. M. C. Beleza Pura: A estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. **Revista FAMECOS**, v.17, n.2, p.118-127, 2010.

MENEZES, L. L. **O movimento LGBT+ e os efeitos da fragmentação**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual da Paraíba Campus V, João Pessoa/PB, 2018.

MOSCHETA, M. S.; FÉBOLE, D. S.; ANZOLIN, B. Visibilidade seletiva: a influência da heterossexualidade compulsória nos cuidados em saúde de homens gays e mulheres lésbicas e bissexuais. **Saúde e transformação social**, v.7, n.3, p.71-83, 2016.

NASCIMENTO, M. A. N. Homofobia e homofobia interiorizada: produções subjetivas de controle heteronormativo. **Athenea Digital**, v.17, p.227-239, 2010.

NATARELLI, T. R. P.; BRAGA, I. F.; OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A. I. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. **Escola Anna Nery**, v.19, n.4, p.664-670, 2015.

NETO, H. L. C.; SARAIVA, L. A. S.; BICALHO, R. A. Violências simbólicas nas trajetórias profissionais de homens gays de Juiz de Fora. **Psicologia Política**, v.13, n.26, p.93-110, 2013.

OLIVEIRA, J. M.; MOTT, L. **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil**. Relatório 2021. Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

PEREIRA, B.; AYROSA, E. A. T. A identidade homossexual masculina: o consumo como forma de enfrentamento e resistência. In: **Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, UFPE, Recife/PE, 2007.

PEREIRA, H.; LEAL, I. A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. **Análise Psicológica**, v.20, n.1, p.107-113, 2002.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B.C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v.19, n.1, p.67-76, 2014.

REGO, A.; CUNHA, M. P.; MEYER JR, V. Quantos participantes são necessários para um estudo qualitativo. **Revista de GESTÃO dos países de língua portuguesa**, v.17, n.2, p.43-57, 2018.

RIBEIRO, L. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia e Sociedade**, v.29, p.1-11, 2017.

ROUDINESCO, E. **A galáxia do gênero**. In: _____. O eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

SILVA, B. C. A. S.; DETILIO, R. O Segredo de Brokeback Mountain e Boi Neon: paisagens, masculinidades e normatividades de gênero. **Revista de Estudos de Gênero La Vetana**, v.48, p.168-205, 2018.

SOUZA, E. M.; PEREIRA, S. J. N. (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **Revista de Administração Mackenzie**, v.14, n.4, p.77-105, 2013.

TAGLIAMENTO, G.; SILVA, S. S. C.; SILVA, D. B.; MARQUES., G. S.; HASSON, R.; SANTOS, G. E. Minha dor vem de você. Uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental das pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidades**, v.6, n.3, p.78-112, 2020.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v.22, n.44, p.203-220, 2014.

Recebido em agosto de 2022.

Aprovado em junho de 2024.